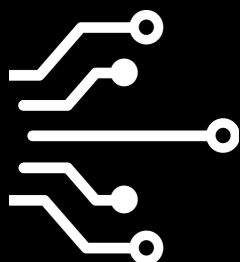




◁◊▷◊▷ INTELIGÊNCIAS ANCESTRAIS E ARTIFICIAIS ◊▷◊▷

**TEXTOS ASSINADOS
PELOS PARTICIPANTES
DA EDIÇÃO 2026**





INTELIGÊNCIAS ANCESTRAIS E ARTIFICIAIS

IAs: Inteligências Ancestrais e Artificiais propõe o encontro entre saberes que, à primeira vista, podem parecer distantes, mas que compartilham a vocação de criar formas de interpretar a realidade e orientar a vida em comunidade. Mais do que opor tradição e inovação, passado e futuro, abre espaço para refletir sobre as conexões entre os conhecimentos ancestrais construídos e preservados por diferentes povos ao longo de gerações, e os sistemas algorítmicos e as novas tecnologias que vêm transformando a produção de informação e a comunicação.

Em vez de perspectivas exclusivamente otimistas ou apocalípticas, busca-se compreender quais valores, experiências e modos de existir podem resultar em tecnologias mais éticas, inclusivas e comprometidas com a sustentabilidade da vida.

Por meio de palestras, oficinas, vivências e apresentações, pesquisadores, artistas e pensadores de diferentes áreas debatem sobre conhecimento, inovação e pertencimento. O convite é para reconhecer que a inteligência se manifesta de múltiplas formas e que a diversidade de saberes é fundamental para imaginar e construir futuros mais plurais, sustentáveis e humanizados.



ÍNDICE

DATIZAÇÃO DA VIDA
MARCUS BRUZZO

◇>▷<◇>▷<◇>▷<◇>▷ 04

**POVOS INDÍGENAS:
ENTRE SABERES E ALGORITMOS**
ANÁPUÀKA TUPINAMBÁ HÃHÃHÃE

◇>▷<◇>▷<◇>▷<◇>▷ 07

RETRATOS DE FAMÍLIA
DENIS MOREIRA

◇>▷<◇>▷<◇>▷<◇>▷ 09

IA, FÉ, IFÁ
ELIEZER QUEIROZ

◇>▷<◇>▷<◇>▷<◇>▷ 11

**SEREMOS
DADOS?**

**NOSSA
VIDA ESTÁ
MELHOR?**



DATIZAÇÃO DA VIDA

MARCUS BRUZZO[1], ESCRITOR E PESQUISADOR

Esses dias me deparei com uma matéria sobre a inovadora empresa norte-americana Dyson, conhecida por seus aspiradores e ventiladores de alta tecnologia. Dessa vez, a empresa lança como inovação uma escova de dentes elétrica dotada de inteligência artificial e câmera integrada, tudo ao – bastante alto – custo de 499 dólares americanos.^[2] O portal Mashable de tecnologia, tão acostumado a lidar com essas misturas quiméricas de funcionalidades em um mercado tecnológico urgenciado por inovação constante, – custe o que custar –, concluiu de maneira mais enfática: a escova de dentes com câmera e IA “prova que a tecnologia inteligente foi longe demais”.^[3] Talvez ainda estejamos longe do “longe demais”. Quando indagadas se utilizariam uma escova dessas em suas vidas, pessoas comuns poderiam até concordar que, em dado momento, passariam a se fazer valer dos aprofundados registros fotográficos e diagnósticos de imagem geridos pela inteligência artificial da sua escova de dentes. Laudos fotográficos diários sobre seu primeiro pré-molar esquerdo podem vir a ser uma preocupação popular; acredito que descobriremos em breve. O que não se consegue elaborar tão facilmente, via de regra, é a resposta a outra pergunta: por que você acha que necessita dessa informação?

Seremos Dados^[4], o título do meu livro, refere-se precisamente a esse fenômeno em que o viver torna-se, por um lado, entregue aos registros irrestritos (datização, no sentido de dados computacionais) e por outro, de que sejamos entregues a gestões técnicas da experiência vivente. Tecnologias cuja lógica funcional determina comportamentos e ritmos específicos de vida humana, do corpo biológico. Jean Baudrillard, como nos lembra Milton Santos, já dizia que “vivemos o tempo dos objetos”, e Santos conclui: “Hoje, vivemos junto com os objetos técnicos, eles se apoderam do nosso cotidiano, mas com eles nossa interação é prática, mas não profunda.”^[5] Quando expressei “Seremos Dados”, portanto, orientava-me tanto ao conceito de “entregues”, como Milton Santos salienta, quanto também de “registrados”.

Primeiro, este excesso de registros sobre a vida humana tem uma razão funcional no circuito mais amplo do sistema econômico mundializado em que vivemos: trata-se daquilo que Shoshana Zuboff^[6] chamou de “superávit comportamental”. A ideia não é nova, representa uma

[1] Mestre em semiótica da cultura pela Universidade de Tartu, na Estônia, e mestre em comunicação e cultura pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (eca-usp). Especialista em história social da arte pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (puc-sp) e em comunicação e semiótica pela Universidade Anhembi Morumbi. orcid.org/0000-0002-3689-5008

[2] DYSON представила зубну щітку CameraJet. Mezha.ua, 1–2 вер. 2026. Disponível em: <https://mezha.ua/en/news/dyson-predstavila-zubnu-shchitku-camerajet-314736/8gt>. Acesso em: 2 set. 2026.

[3] BECK WERTH, Timothy. The \$499 Dyson CameraJet squirting toothbrush goes too far. Mashable, 2 set. 2026. Disponível em: <https://mashable.com/life/dyson-camerajet-electric-toothbrush-ai-squirting>. Acesso em: 2 set. 2026.

[4] BRUZZO, Marcus. Seremos dados: a filosofia da perda do espaço humano para a inteligência artificial. Rio de Janeiro: Difel, 2026.

[5] SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos, 1). p.141

[6] Zuboff, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

percepção de longa data. A exemplo, o ano era 2017 e lia-se em matéria do *The Economist* as seguintes palavras: “O recurso mais valioso do mundo não é mais o petróleo, mas sim os dados”.^[7] Zuboff parte justamente desse princípio, ao notar que as empresas vendem produtos por um preço em moeda corrente (os 499 dólares americanos da escova com IA), enquanto cobram dos usuários registros de dados de comportamento, que valerão para essas mesmas empresas, fortunas inestimáveis em inteligência de mercado. A chamada “Inteligência competitiva” (IC), algo tão oneroso a tantas empresas, passa a ser nutrida pelos próprios consumidores que adquirem produtos digitais e cedem o superávit comportamental na forma de dados de comportamento.

A implantação de sensores para mapear comportamento, gostos e opiniões em sistemas de pesquisa contínua – aos quais os consumidores nem sempre têm consciência –, não seria viável sem o interesse genuíno dos próprios compradores pelo hiper-registro de todas as dimensões da vida. As pessoas desejam esses registros, resta-nos investigar as razões. Igualmente, não se poderia ocultar essa extração de dados comportamentais por muito tempo, afinal, cedo ou tarde, a população se colocaria contrária e medidas legais mais rígidas seriam criadas. Basta pensarmos que algo assim já ocorre com a regulamentação das redes sociais que seguem registrando perfis psicológicos para direcionar propagandas, ou ainda, empresas de marketing ao redor do mundo seguem criando “gêmeos digitais” com IA de pessoas reais, que são submetidos a testes de aceitação de produtos.^[8]

A datização do viver decorre, portanto, de um fenômeno muito mais profundo; a sociedade da eficiência. A métrica corrente para averiguação da qualidade da vida não é forma de mensuração de qualidade subjetiva da vida, mas os números, a técnica. Aparelhos nos informam, supostamente, se estamos bem. Métodos e grandezas antes contidas nas ciências diagnósticas, ou de precisão militar, ou aplicadas nos esportes de competição com eficiência tecnicamente demonstrada, se tornam medida-padrão de validação da experiência da vida. O taylorismo do início do século XX, com suas estratégias de mensuração da produtividade, abarca agora a forma de orquestração da vida mais comum; quantas horas de sono, quais índices de vitaminas e hormônios, quantos quilômetros, quantas calorias de cada alimentação, e claro, smart escovas ou privadas com câmeras para diagnóstico por IA.^[9] A condição nos força a analisar a possível contraposição desses registros irrestritos e tecnicamente estruturados à resposta para a seguinte pergunta: nossa vida está melhor? Ganhos inegáveis em longevidade condizem com ganhos em qualidade de vida? Isto é, vivemos mais, mas vivemos melhor? Os índices de saúde mental parecem-nos um piso de espelho no sopé do gráfico cartesiano da implantação dos hiper-registros tecnológicos: mais informatizados, sim, mas igualmente mais ansiosos, mais estressados, e ainda assim, mais eficientes para fins que, déssemos a devida reflexão, não saberíamos claramente justificar.

^[7] THE WORLD'S most valuable resource is no longer oil, but data. *The Economist*, London, 6 May 2017. Leaders. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2017/05/06/the-worlds-most-valuable-resource-is-no-longer-oil-but-data>. Acesso em: 2 set. 2026.

^[8] “Os gêmeos digitais são representações virtuais de inteligência artificial de indivíduos reais, geradas a partir de dados reais para simular atitudes, tomada de decisões e comportamentos” em IPSOS. Concept testing with digital twins: Humanizing AI, part four: How synthetic data accelerates innovation. [S. l.]: Ipsos Insights Hub, 19 jun. 2026. Disponível em: <https://www.ipsos.com/en-be/humanizing-ai-part-four-concept-testing-digital-twins>. Acesso em: 2 set. 2026.

^[9] TOILET TECH is the next frontier of health data. *New York Post*, New York, 14 Apr. 2026. Health. Disponível em: <https://nypost.com/2026/04/14/health/toilet-tech-is-the-next-frontier-of-health-data/>. Acesso em: 2 set. 2026.

**QUEM CONTROLA
OS DADOS?**

**QUEM DECIDE O
FUTURO DIGITAL?**

**SOBERANIA
INFORMACIONAL?**



POVOS INDÍGENAS: ENTRE SABERES E ALGORITMOS

ANÁPUÅKA TUPINAMBÁ HÃHÃHÃE, PESQUISADOR, ATIVISTA INDÍGENA

Os saberes ancestrais não pertencem ao passado: são tecnologias vivas de observação, memoriâncias, cuidado, transmissão e continuidade. Nasceram da leitura das águas, do clima, das plantas, dos animais e do território. Não são resíduos de um tempo superado nem conteúdos disponíveis para livre captura. São sistemas de conhecimento em movimento, ligados a povos, línguas e modos próprios de produzir, guardar e compartilhar saberes.

Diante da inteligência artificial generativa, a questão não é apenas como inserir os povos indígenas nas novas ferramentas. Precisamos perguntar quem concebe essas tecnologias, de onde vêm os dados, quem define os limites e quem recebe os benefícios. Ser usuário, fornecer dados ou representar a diversidade não altera as estruturas de poder. Participar significa decidir, criar, governar, transformar e também recusar tecnologias quando ameaçam direitos, territórios, conhecimentos ou formas de vida.

Reciprocidade, responsabilidade coletiva, respeito ao território e compromisso com as futuras gerações oferecem outras bases para pensar dados, algoritmos e inovação. Esses princípios deslocam a tecnologia da eficiência e do lucro para o campo das relações e consequências. A ferramenta deve ser avaliada pelo que produz, extrai, silencia e pelo futuro que ajuda a construir. Inovar não é acelerar a qualquer custo: é fortalecer a vida e respeitar vínculos comunitários.

Entretanto, não existe algoritmo neutro. Sistemas generativos são treinados com escolhas humanas e dados que carregam interesses, ausências e preconceitos. Podem reproduzir apagamentos, racismo estrutural e algorítmico, estereótipos e apropriações. Quando uma inteligência artificial trata todos os povos como iguais, inventa grafismos, mistura línguas, transforma cerimônias em estética ou usa conhecimentos sem consentimento, não comete apenas um erro técnico. Atualiza relações coloniais, retira saberes de seus contextos e converte identidades vivas em matéria-prima para plataformas que raramente reconhecem autoria ou oferecem retorno às comunidades.

O problema se agrava quando empresas coletam imagens, vozes, textos, músicas, mapas e informações territoriais sem transparência sobre treinamento e uso comercial. Nem tudo o que está acessível está eticamente disponível. Publicar não significa autorizar mineração de dados; visibilidade não elimina autoria; acesso não substitui consentimento. Há conhecimentos que podem circular, outros que exigem autorização coletiva e outros que não devem ser digitalizados. Cada povo deve estabelecer protocolos conforme sua organização, memória e critérios de proteção.

Mirar possibilidades positivas exige governança indígena, soberania informacional e participação desde a concepção das tecnologias. Isso inclui presença indígena nas equipes de pesquisa, controle comunitário de dados, consentimento livre, prévio, informado e continuado, rastreabilidade, autoria, repartição justa de benefícios e mecanismos de retirada ou correção. Exige infraestrutura, formação e modelos de inteligência artificial desenvolvidos para e com os povos indígenas. Assim, a IA pode fortalecer línguas, acervos, comunicação, educação, territórios sob decisão comunitária.

A ancestralidade não deve servir apenas como conteúdo para alimentar a máquina ou legitimar projetos sem presença indígena coletiva. Ela pode orientar limites, responsabilidades e futuros nos quais inovar também significa cuidar. O desafio não é adaptar os povos indígenas a uma tecnologia inevitável, mas reconhecer outras inteligências, temporalidades e maneiras de construir tecnologia. O futuro digital só será plural quando os povos indígenas puderem participar sem abandonar a própria diferença e governá-lo a partir de seus territórios, direitos e projetos de continuidade.

**QUE HISTÓRIA
RETRATAMOS?**

**DIREITO À
IMAGEM?**

**E SOBRE AS
HISTÓRIAS NÃO
DOCUMENTADAS?**



RETRATOS DE FAMÍLIA

DENIS MOREIRA, ARTISTA

TEXTO DE RODRIGO LOPES, CURADOR E PESQUISADOR

*A violência irreparável do tráfico atlântico de escravos
reside precisamente em todas as histórias que não podemos conhecer
e que nunca serão recuperadas.*
Saidiya Hartman

O que pode ser um retrato de família? Como uma família define o que será (ou não) guardado? O que podemos fazer quando buscamos por imagens dos nossos antepassados e não encontramos seus registros? Como contar suas histórias sem ultrapassar os limites do arquivo? Retratos de Família, do artista visual e professor Denis Moreira, discute o direito à imagem das populações negras no Brasil a partir da ausência de registros pessoais.

A mostra reúne doze retratos de familiares que o artista nunca conheceu: avós e bisavós reconstruídos a partir de documentos oficiais, relatos familiares, pesquisa genealógica e inteligência artificial. Retratos de pessoas que não puderam ser fotografadas (ou cujas fotografias não chegaram até nós). Entretanto, sua prática não se trata simplesmente de recuperar imagens perdidas de uma família que existiu, mas fabular uma imagem possível para histórias marcadas pela falta.

Essa operação desloca profundamente a tradição do retrato. Se a fotografia está vinculada à presença de alguém diante da câmera, esses trabalhos partem justamente do reconhecimento dessa ausência. Na teoria clássica, a fotografia tinha a função de prova e, ao recorrer à inteligência artificial, o artista inverte essa lógica. Não há corpo que tenha sido fotografado, momento que tenha sido registrado ou negativo que possa ser recuperado. O retrato torna-se uma espécie de testemunho de uma história que não foi documentada.

A pesquisa genealógica de Denis parte justamente desses vestígios. Ao investigar as origens da sua família em Minas Gerais, na região do Vale do Rio Doce, o artista encontrou indícios de ancestrais africanos provenientes de regiões correspondentes aos atuais territórios de Angola e Benin. A genealogia deixa então de ser apenas uma árvore de parentescos e transforma-se em uma pequena cartografia da diáspora. Quando pensamos na relação entre fotografia e vida negra no contexto brasileiro, o direito à imagem ganha uma dimensão coletiva.

O álbum de família, comumente entendido como um arquivo afetivo e íntimo, também é resultado das condições históricas, sociais, econômicas e culturais que determinaram quem pode ser fotografado, quem teve seus documentos preservados e quem foi excluído dos registros. Nesse sentido, o álbum funciona como um "arquivo branco": a escravização, os deslocamentos forçados, a quebra dos vínculos familiares são fatores que produziram uma profunda assimetria na memória coletiva.

Produzidas em impressão lenticular, as imagens não permanecem inteiras diante do nosso olhar. O que parecia ser apenas um retrato de família revela uma nova camada: quando mudamos de posição, os rostos se transformam em máscaras relacionadas às tradições Tchokwe, de Angola, e às formas de Ifé, na atual Nigéria. As máscaras não aparecem como uma simples referência visual à África, nem como um ornamento aplicado sobre o retrato. Se no Ocidente, o retrato tende a fixar o rosto à identidade de um sujeito, a máscara o vincula à um pertencimento além do Atlântico.

Seu gesto se aproxima do que a escritora e historiadora Saidiya Hartman define como fabulação crítica: um método de investigação que parte dos vestígios do arquivo, mas se recusa a aceitar seus silêncios como limite do que pode ser conhecido. Diante de histórias interrompidas pela violência da escravidão e da colonização, fabular implica em trabalhar criticamente com a impossibilidade de saber, imaginando o que poderia ter sido visto, dito ou vivido sem apagar a distância que nos separa desse passado.

O problema não é simplesmente a ausência de documentos, mas a própria estrutura do arquivo: aquilo que foi considerado digno de ser registrado e aquilo que foi condenado ao esquecimento. É justamente essa distância que as imagens de Denis preservam. Seus retratos não reivindicam autenticidade documental, eles não pretendem ser a aparência verdadeira dos antepassados do artista. Não são reconstruções forenses, tampouco tentativas de simular uma fotografia que tenha desaparecido.

Talvez, Retratos de Família não consista na tarefa impossível de devolver aos mortos aquilo que lhes foi retirado, mas de recusar que a ausência de imagens perpetue a negação das nossas existências.

**NO QUE
ACREDITAR?**

VOCÊ ACREDITA?



IA, FÉ, IFÁ

ELIEZER QUEIROZ, ARTISTA E PESQUISADOR

As bases computacionais da Inteligência Artificial Generativa lançam mão de um verdadeiro arsenal matemático. Estamos falando de matrizes, estatística, probabilidades e cálculos finos que ajustam os pesos de grandes redes neurais, alimentadas por um volume imenso de informações para treinar os modelos. Estes, por sua vez, exigem fileiras de chips gráficos de altíssima capacidade para fazer a engrenagem girar em uma velocidade aceitável para a nossa constante fome de informação. É absurdo e genial, eu confesso; a inteligência artificial é uma tecnologia realmente incrível, uma força inovadora que está redefinindo padrões estruturais a cada dia, e isso deveria levantar um alerta do mesmo tamanho.

Mas nós nos adaptamos rápido, né? Essa é certamente a habilidade mais potente do ser humano e, por isso, nos acostumamos tão depressa à tecnologia computacional. Boa parte da nossa sociedade já é nativa digital e lida diariamente com telas e computadores desde que nasceu. Essa familiaridade com a computação tem moldado nossos comportamentos, costumes e cultura, nos fazendo naturalizar rotinas que são 100% sugeridas pela tecnologia. Assistimos, ouvimos, procuramos emprego e escolhemos a comida que as IAs recomendam, normal. Tiramos dúvidas sobre saúde no buscador do celular e terceirizamos até nossas angústias amorosas para a IA. E tá tudo bem, relaxa, eu também faço isso. Não é o fim do mundo.

O problema é que, geralmente, a gente confia na resposta. Ou melhor, a gente acredita — do verbo crer. Para explicar de forma mais precisa: será que, no fundo, a gente tem fé nas tecnologias que usa?

Quer um spoiler sobre a relação entre fé e tecnologias computacionais?

A resposta tem tudo a ver com uma população da África Ocidental que usa a mesmíssima base matemática da computação moderna na sua religião: o sistema binário.

Na região que hoje compreende Nigéria, Benin e Togo, nasceu um complexo sistema de conhecimento filosófico e religioso: o Ifá. Os praticantes do Ifá têm o costume milenar de fazer consultas oraculares para tentar resolver os mais diversos problemas: uma questão de saúde, dinheiro, amor, saber se nesta estação a colheita vai ser boa... cê sabe, coisas da vida. Os sacerdotes jogam conchas em uma mesa para fazer as consultas. Essas conchas têm dois lados muito bem definidos, ou seja, elas só podem cair com um dos dois lados para cima, formando, na prática, um endereço de memória binário!

Para visualizar, pense em um exemplo prático usando apenas 4 conchas. Como cada concha só possui dois estados possíveis (aberto ou fechado, vou chamar de 0 ou 1), elas se combinam gerando exatas 16 possibilidades de endereços binários diferentes. Cada combinação é um endereço de memória, como uma caixa que podemos usar pra guardar e acessar informações; só precisamos do endereço binário, pegou? No grandioso oráculo de Ifá, a verdadeira magnitude se revela: o sistema se apoia em 16 Odu's principais que se combinam em uma matriz 16x16, formando 256 Odu's secundários (os mesmos 256 bits que compõem 32 bytes na computação).

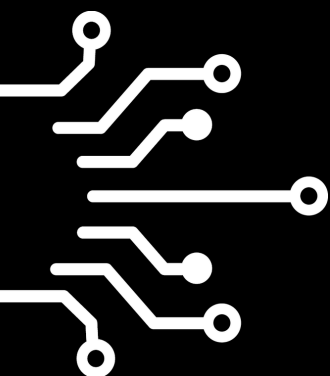
Agora que juntamos as peças, vamos visualizar todo o quadro: Há milhares de anos, a sociedade humana na África já utilizava binário, matrizes, estatísticas e probabilidades para entender a vida cotidiana e estruturar sua religião, sua fé. Uma das ferramentas dessa fé é um oráculo que não é dominado por todos; apenas os sacerdotes eram capazes de operá-lo, e mesmo assim o povo buscava o oráculo, e busca até hoje. Já nós, diante das telas, geralmente acreditamos de olhos fechados nas respostas que tecnologias computacionais, como a IA, nos dão. IA essa que, ironicamente, funciona em computadores que usam binário pra rodar o mesmo motor que embala as raízes da humanidade: matrizes, estatísticas e probabilidades.

Agora eu te pergunto: você usa computador e smartphone, mas nunca ouviu falar de Ifá? Por quê será?

Quantas tecnologias que você usa hoje foram pensadas para o seu bem-estar? E você acredita nelas? Será que estamos fazendo bem em confiar tanto assim nas tecnologias que nos oferecem?

Eu não tenho as respostas certas para todas essas perguntas. Mas sei que, enquanto estivermos nos perguntando, seremos capazes de manter o nosso senso crítico afiado. Só assim teremos a autonomia de decidir, de verdade, em qual tecnologia vamos depositar a nossa confiança e qual impacto a gente quer que elas tenham nas nossas vidas.

A IDENTIDADE VISUAL DESTE PROJETO FOI CONCEBIDA COM O AUXÍLIO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



SESC BAURU

Av. Aureliano Cardia, 6-71

Tel.: +55 14 3235-1750

  sescbauru

 sescspbauru

 sescsp

sescsp.org.br/bauru

